VII Congresso Internacional de Educação
10 a 13 maio de 2017
Santa Maria RS - Brasil
EDUCAÇÃO HUMANIZADORA: valorizando a vida na sociedade contemporânea
ISSN 2446-5542

POR UM ESTILO PEDAGÓGICO NA DOCÊNCIA: ESCRILEITURAS EM MEIO À VIDA

Josimara Wikboldt Schwantz*
Carla Gonçalves Rodrigues**

Resumo: Este trabalho tem por objetivo mapear as condições de possibilidade para a constituição de uma variação no estilo pedagógico docente. Realiza estudo utilizando a base filosófica da diferença de Gilles Deleuze. O interesse é fomentado pelo propósito de formação percebido nos cursos de licenciatura, em especial no curso de Pedagogia, em desenvolver um sujeito transmissor de conhecimentos, detentor de saberes, avaliador, identificador de fases de aprendizagem, reflexivo e mobilizador de competências. E o que há para além dessas habilidades? Considera-se relevante a experiência do Projeto Escrileituras que utilizou matérias literárias de Kafka, com docentes da educação básica e universitária, como experimentação do ler-escrever. Em relação ao problema da pesquisa, questiona-se ao modo spinozista: O que pode a docência? Adotando o método da cartografia, verificamos processos de produção dos regimes que se mantém em torno daquilo que se diz/faz na docência. Observamos nas escrileituras produzidas pelos professores outras formas de existência problematizadas por eles. Pela literatura foi possível de estabelecerem uma aliança entre a humanidade e a animalidade, conforme menciona Maciel (2016). A pesquisa vai ao encontro das necessidades de uma docência, não somente de exercê-la, mas de registrá-la, de capturá-la, de percebê-la e de pensá-la através do vivido.

Palavras-chave: Educação. Docência. Escrileituras.

Introdução

Buscamos, com este texto, problematizar a docência. O interesse é fomentado pelo propósito de formação percebido nos cursos de licenciatura, em especial no curso de Pedagogia, em desenvolver um professor transmissor de conhecimentos, detentor de saberes, avaliador, identificador de fases de aprendizagem, reflexivo, mobilizador de competências. E o que há para além dessas habilidades? Do mesmo modo, considera-se nossa experiência de

* Universidade Federal de Pelotas. Doutorado em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação. E-mail: josiwikboldt@hotmail.com
** Universidade Federal de Pelotas. Docente no Departamento de Ensino da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação. E-mail: cgrm@ufpel.edu.br

trabalho no Projeto Escrileituras[1] (CORAZZA, 2011) que utilizou matérias literárias, filosóficas e científicas, com docentes e discentes da educação básica e universitária, como experimentação do ler-escrever em meio à vida.

Ao pensar a formação de professores nesta contemporaneidade, temos como propósito mapear as condições de possibilidade para a constituição de uma variação no estilo pedagógico docente. Para tal, trazemos a contribuição teórica da filosofia deleuze-guattariana com o conceito de estilo (DELEUZE, 1988; 1997; 2010), (DELEUZE; PARNET, 1995; 1998), (DELEUZE; GUATTARI, 1995a; 2014). Agenciamos, também, a literatura kafkiana numa Oficina de Escrileituras do Núcleo UFPel[2] intitulada *Conatus*[3]. Depararmo-nos com a força dessas matérias, repercutidas nas novelas construídas por professores participantes.

A partir dessas novelas produzidas durante a Oficina (15 novelas), da experiência em realizá-la reunindo matérias de diferentes campos de saber, da prática docente que nos constitui neste momento, indagamos: O que pode uma docência em meio à ciência, filosofia e arte? Esta questão está sendo desenvolvida menos em querer saber o que é a docência e mais naquilo que é possível de ser inscrito em sua superfície, empreendendo atenção ao que ela pode enquanto potência para variar o que enfraquece sua prática. Também atentamos à escutar o que ainda se mantém como regime de visibilidade e dizibilidade (DELEUZE; GUATTARI, 1995b) em torno da docência e que processo os faz funcionar dessa forma e não de outra.

O método cartográfico (DELEUZE; GUATTARI, 1995a) auxilia a acompanhar esses processos de produção dos regimes que se mantém em torno daquilo que se diz/faz na docência e, ainda, mapear as condições para variação no estilo pedagógico. Na perspectiva teórica em que se encontra a ideia do método, procuramos apreciar o movimento de transformação da própria pesquisadora, em sua docência, no que é possível de acolher, de fabular, vazar nos modos como vem se tornando professora-pesquisadora.

O movimento analítico adere à produção do arquivo na concepção filosófica que leva em conta o processo do arquivamento e não somente seu conteúdo reunido. Os estudos realizados em torno desse conceito para Derrida (2001) e Foucault (2004) estão auxiliando na composição das análises. O arquivo está atrelado não só a uma história que diz de uma memória, mas, à um futuro, àquilo que deixamos de ser para nos tornar outra coisa. Por esse

[1] Projeto vinculado ao Programa Observatório da Educação (OBEDUC) e financiado pela CAPES/INEP entre anos de 2010 a 2014, coordenado pela Profª. Sandra Mara Corazza da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
[2] Núcleo de pesquisa coordenado pela Profª Carla Gonçalves Rodrigues da Universidade Federal de Pelotas e integrado ao Projeto Escrileituras.
[3] Termo conceitual tratado por Spinoza (2007). De maneira resumida, podemos dizer que se refere à força de existir. É um movimento entre corpo e mente que faz perseverar a vida.

viés teórico, apostamos na contribuição conceitual de arquivo para realizar a pesquisa, na ação de ler as margens, os excessos e vazios sobre a temática. E ao realizar essa leitura, buscamos escrever num movimento transcriador (CORAZZA, 2013). Trata-se bem mais de entrar numa relação com os dados para dizer o que pode a docência, inscrevendo-se em meio às matérias e elementos que a produziram e a produzem.

1 Docência na ciência: uma saída?

Com curiosidade, vamos em busca da trajetória de constituição e definição da temática. Percebe-se que a docência tem como significado, no senso comum, a ação ou resultado de ensinar; ato de exercer o magistério; ministrar aulas; característica ou particularidades de uma pessoa que se diz docente. De acordo com o livro *Oculto nas palavras – dicionário etimológico para ensinar e aprender* (CASTELLO; MÁRSICO, 2007), as palavras docente e docência, provêm de um vocábulo latino clássico do verbo *doceo* que deriva, no português, do mesmo que 'aceitar'. Obtendo um valor de causalidade, ganha outros sentidos como 'fazer aceitar', 'fazer aprender' e, por fim, 'ensinar' (Ibid., p. 59). Assim, no senso comum, compreende-se o docente como aquele indivíduo que ensina algo a alguém.

Considerando a Pedagogia um dos cursos de formação de professores, e um lugar onde se problematiza a prática docente, fizemos a aposta em adentrar nas discussões apresentadas por Pimenta (2011). Percebemos, nas pesquisas destacadas no livro, a necessidade de tematizar a educação como área de investigação científica, considerando que, dessa forma, é possível enfrentar seus problemas diagnosticados. A autora cita pesquisadores como Estrela & Falcão (1990), Coelho e Silva (1991), Dias de Carvalho (1988), Quintana Cabanas (1983), Mazzotti (1994) e Schmied-Kowarzik (1983), que consideram indefinida a natureza, o objeto e o método de investigação da educação, tornando-se complexo, dessa forma, construir um conhecimento que consiga sanar as urgências postas. Esses pesquisadores acreditam ser importante constituir um campo específico para a ciência da educação, concentrando seus estudos em demonstrar propostas de como fazer dessa ciência uma unidade de pesquisa. As discussões visam questionar a Pedagogia enquanto saber e afirmá-la em sua especificidade: tornar-se a ciência da educação.

Ao entendê-la enquanto ciência da prática, percebem que seu objeto é inconcluso; por isso, seu método de investigação deve ter conexão entre razão e experiência. Sendo a educação uma ação social humana, direciona-se para a dialética (conhece a teoria crítica social e realiza uma práxis educacional visando à transformação). Assim, para além de se

fazer ciência da educação, a Pedagogia é vista como um instrumento para a ação, em que a pesquisa e o ensino têm por objetivo, enquanto práxis social, desenvolver um projeto de humanização, que transforme as condições de realidade dos indivíduos aí envolvidos (prioritariamente, os estudantes). Logo, a Pedagogia é considerada uma práxis humana (PIMENTA, 2011). A busca por sua cientificidade e estatuto, requer, cada vez mais, definir um projeto de humanização que prepare os docentes para atuar na situação escolar. O que, de fato, essa ciência da educação deseja criar?

Essa discussão apresentada por Pimenta (2011) nos possibilita articular com o tratamento da ideia que Deleuze e Guattari (2010) trazem sobre a filosofia, a arte e a ciência. Eles destacam esses campos não como apenas lugares de um saber ou objetos mentais a se reproduzir no cérebro, mas como forma de pensamento e criação. São denominadas como as três filhas do caos. A ciência, nesta perspectiva, não tem por objeto os conceitos, mas sim, as funções que se estabelecem como proposições em sistemas discursivos. Assim, os elementos dessas funções denominam-se *functivos* (DELEUZE; GUATTARI, 2010). São eles que permitem à ciência refletir e comunicar. De forma complexa, os filósofos vão compondo a ideia de ciência enquanto criação e seu modo de lidar com o caos. O cientista é aquele que traz do caos as variáveis e traça um plano de referência ou coordenação, possibilitando extrair daí o elemento *functivo* do conhecimento, fazendo aparecer observadores parciais.

A ciência nos interessa neste ponto porque também é tida como uma atividade do conhecer mas, o conhecimento à qual ela pretende chegar não é visto como uma forma, nem força, mas como uma função: “eu funciono” (DELEUZE, GUATTARI, 2010, p. 253). Talvez aí possamos articular a preocupação de estudiosos em situar a Pedagogia enquanto ciência. Não destacamos essa ação como problemática, ao contrário, se isso servir como plano de referência para fazer funcionar algo na área, tem força. Se a ciência, pelo viés da filosofia da diferença, não é impregnada por sua unidade, mas por um plano de referência que enfrenta o caos, como e por que situar a Pedagogia enquanto campo individual nas ciências humanas para pensar os problemas educacionais, conforme destaca Pimenta (2011)? Parece, do mesmo modo, insuficiente estabelecer meios de reparar o caos na tentativa de colocá-lo sobre um domínio. Parece-nos que não se trata de dominá-lo, mas de enfrentá-lo, traçando um plano de referência que faça recortes mais precisos nesse caos.

Ao percorrer a compreensão do humanismo para entender sua repercussão na educação, percebemos que foi uma concepção intelectual difundida no período da Renascença. Procurava evidenciar outra imagem do homem, da cultura, da infância e da família, ao manifestar o desejo de se afastar da parcialidade religiosa que reprimia os ideais e

a expansão econômica da burguesia. Instalam-se, desde então, valores antropocêntricos, com intuito de formar um espírito mundano culto, confiando no poder da razão e da ciência, de forma que passam a se ocupar bem mais com as questões materiais do seu cotidiano.

Começa, desde então, uma mudança de atitude perante a vida, de maneira que o homem passa a se afirmar enquanto um ser superior, detentor de saberes e poderes em relação ao seu meio ambiente e tudo que o cerca na natureza (ARANHA, 1996). Há evidências da formalização de discursos em torno de práticas engendradas na profissão docente, que dão visibilidade ao profissional, conforme demonstrado por Aranha (1996, p. 86) citando Castiglione: "[...] que seja conhecido entre todos os outros como ousado, forte e leal ao príncipe que serve. Que seja, como se diz, homem de bem: isto compreende a prudência, a bondade, a coragem, o domínio de si [...]".

Discursos como estes repercutem nos dias de hoje de forma a fazer surgir, nos cursos de formação, a questão de como ser um bom professor e para sanar com estas problematizações, uma série de práticas/didáticas são ensinadas para que se possa 'dar' uma 'boa' aula. Entendemos que a busca por uma cientificidade da educação mantêm um discurso salvacionista da educação. Talvez a saída não esteja somente aí, mas encontrar possibilidades para além do campo científico, utilizando nossa capacidade de fazer relações com outras áreas, atentando para as variadas condições possíveis de se exercer a docência.

2 Estilo em meio à docência

O propósito deste trabalho não é o de evidenciar modos de ser professor, afirmando e conduzindo modelos de práticas pedagógicas, mas o de "encontrar as condições sob as quais algo de novo é produzido (TADEU *et al*, 2004, p. 16)". Há um esforço em relacionar a ideia de estilo para a filosofia de Deleuze e Guattari com a docência. Essa ideia de estilo é destacada dentro da linguagem como o modo de variar uma língua na própria língua (DELEUZE; PARNET, 1995).

Ao delinear a pesquisa acerca do conceito de estilo (DELEUZE, 1988; 1997; 2010), (DELEUZE; PARNET, 1995; 1998), (DELEUZE; GUATTARI, 1995a; 2014), observamos que este é apresentado a partir de dois aspectos: o primeiro refere-se à possibilidade de destituir uma ordem preestabelecida na língua pondo a variá-la de modo que se crie, no próprio idioma, uma língua estrangeira. Assim, a sintaxe passa por um momento deformador, reconstrutor. O segundo aspecto refere-se a um modo de levar a linguagem até o limite, produzindo uma espécie de música, outro idioma estrangeiro na língua materna. Para tal ação,

há de se ter uma necessidade que move a produção de um estilo. Uma necessidade de dizer algo, de devastar o significado em detrimento do sentido, oferecendo a possibilidade de criar outra língua, num sistema em desequilíbrio, com novas sintaxes, como diz Deleuze em entrevista com Parnet no Abecedário (1995). Neste mesmo material, encontra-se exemplos de grandes estilistas, segundo Deleuze, como o poeta Ghérasim Luca e Charles Péguy, sendo os propulsores da criação de um estilo onde conseguem o efeito de gaguejar, não a sua fala, mas a língua.

O estilo é apontado como algo que varia na linguagem. Também é uma necessidade de composição a partir daquilo que se escreve. Neste trabalho, o conceito é movimentado para compreender os modos de variação, não somente da linguagem, mas em relação ao próprio ato pedagógico, enquanto ato de criação, dada uma necessidade produzida e desejada pelo docente.

Outro fator a destacar é a ideia de composição que está atrelada a este fazer. O estilo está intimamente implicado com as coisas que se escolhem para compor uma determinada escrita. Uma composição que é feita das matérias que vão sendo reunidas durante o ato de escrever. São os signos emitidos que provocam a escolha de determinada matéria para realizar um processo escritural. Diante desse fator, surgem algumas questões: O que escrevem os docentes? Textos e provas a partir de livros didáticos? A partir de que leituras? Das matérias literárias disponíveis nas escolas, dos próprios livros, da internet?

São questões necessárias a se pensar levando em consideração o contexto atual em que muitos trabalham até 60 horas semanais e não conseguem dispor de tempo para ler-escrever, nem mesmo planejar a aula a ser ministrada, considerando que este planejamento seja um momento de criação efetivado pelo professor. Como criar um estilo pedagógico levando em conta esses fatores externos e que fazem parte da rotina de trabalho de muitos docentes?

É possível, a partir daí, pensar essa variação nos modos de viver uma docência pelo viés filosófico e literário. Uma maneira de oferecer a possibilidade de exercer outro estilo pedagógico, diferente da prática de transmissão de conhecimentos, de fé e moralidade religiosa, mas pensar uma nova pragmática, agora subjetiva, para este docente, experimentando possibilidades de constituir-se enquanto tal, na experimentação de variadas áreas do conhecimento. Sendo assim, o estudo pensa sobre as maneiras predeterminadas e as funções legitimadas de como ser/tornar-se/permanecer docente em meio à vida e como é possível pôr a variar modos instituídos dessa existência.

3 Escrileituras como aposta na construção de um estilo pedagógico

Retomando a questão que nos mobiliza na pesquisa - o que pode a docência em meio à ciência, filosofia e arte? – apresentamos o fragmento de uma das novelas produzidas por um grupo de professores de uma escola pública que participaram da segunda edição da Oficina *Conatus*. Vale lembrar que tínhamos o propósito de problematizar o fenômeno de mal-estar docente que circulava por entre discursos de professores e professoras da rede de ensino e investigada por uma colega do Núcleo entre os anos de 2012/2013. As 15 novelas[4] estão disponibilizadas no acervo do Projeto Escrileituras. Foram produzidas em diferentes lugares e tempo, durante as cinco edições em que aconteceu a Oficina.

Articulamos algumas matérias potentes para fazer pensar a temática discutida naquele momento. Nesse intuito, foram apresentados e experimentados: um vídeo adaptado por Peter Kuper da história em quadrinhos (HQ) de *A metamorfose* de Kafka (1997); Estudo dos conceitos corpo, alma, *conatus* e potência de vida em Spinoza (2007) e Nietzsche (2006), utilizando fragmentos do programa Café Filosófico: *A existência como doença* com Márcia Tiburi e *A alegria e o trágico em Nietzsche* com Roberto Machado; Apresentação de um fragmento do filme *Quando Nietzsche chorou* (PERRY, 2007), demonstrando a ideia de Eterno retorno. A cada apresentação, esses elementos eram acionados para a criação dos personagens e da temática desenvolvida, junto com um som musical projetado, retirado da trilha sonora do filme *O fabuloso destino de Amélie Poulain* (JEUNET, 2001) e a projeção do livro *Discurso do urso* de Cortázar (CORTÁZAR, 2009). Diante destas matérias, eis que surge uma produção em que os professores articularam uma série de acontecimentos do cotidiano para pensar a própria docência:

> Na Índia a vaca é um animal sagrado, não pode ser morta ou molestada. No Brasil não poderia ser diferente, claro que de um modo bem Tupiniquim: aquela vaca me rodou (muuuuu), a vaca me botou na rua (muuuuu), a vaca de física me deixou em exame (muuuuu), pô a vaca de história não me deu dois décimos (muuuuu), porcaria da vaca não me deixou entrar (muuuuu). Adolfo, advogado especialista em libertar

[4] Novelas disponibilizadas no *Youtube*:
Leito de morte [https://www.youtube.com/watch?v=NY2v6gwDvYM]
Frederico no HPS [https://www.youtube.com/watch?v=u-e3il7Ipwk]
Bartleby [https://www.youtube.com/watch?v=jYxK29I7X9s]
Animal abandonado [https://www.youtube.com/watch?v=T6T_pgnxB6w]
Saída do cinema [https://www.youtube.com/watch?v=zSHUhMlm3kQ]
O direito de ver [https://www.youtube.com/watch?v=0MXRNJRyaJU]
O despertar de Maria [- https://www.youtube.com/watch?v=f0v3j7nrBF8]
Frases da rua [https://www.youtube.com/watch?v=6krmP3JtDmE]
Dorothy [https://www.youtube.com/watch?v=NZ_uYSqtcOg]

> traficantes e pai do menino atropelado pelos dois décimos da vaca, teve uma ideia vingativa: - Primeiro dia de praia da sôra, vou arremessar um sinalizador. Foi como chegar a um orgasmo: - Aquela vaca me paga! (muuuuu). Não entreguei o trabalho da vaca. A vaca da diretora me suspendeu (muuuuu). Todavia, Zequinha, um bom aluno, quando estava presente e costumava contagiar os mestres com sorrisos, palavras de entusiasmo, pensou em aconselhar o colega delinquente: - Não faça isso, você pode se complicar. Ao ouvir os sábios conselhos, o inimigo das vacas, esbaforido com os próprios pensamentos que se transformavam em outros pensamentos, pesado e cheio de teias concluiu: - Eu vou arremessar o sinalizador naquela vaca (muuuuu). E como estamos em um mundo machista, quem não é vaca é veado. Não, você está enganado, não estamos no campo, bem vindo às escolas brasileiras (muuuuu) (Novela intitulada A vaca).

O material está servindo como disparador para pensar esta pesquisa, ao compreender a circunstância de enfrentamento dos desafios da docência. Uma maneira de proporcionar sentido àquilo que se passa na sala de aula, na relação com o outro, com a escola, criando seus próprios modos de ser e pensar.

Foi pela escrita e, posteriormente, a gravação e audição da novela, que percebemos uma necessidade nas composições criadas em novelas: devastar os discursos morais sobre a profissão e denunciar aquilo que se passa e/ou se vivencia no cotidiano dos espaços escolares. Um modo, talvez, de variar a docência, encontrando no animal, a vaca, neste caso, a linha de fuga de uma identidade depreciativa posta na profissão, embora reconhecendo outra imagem (o sagrado) deste animal em outra circunstância e local em que se vive. Percebemos, também, a docência num limite entre o humano e o animal, como Kafka em sua metamorfose, compondo suas relações ao estabelecer coordenadas espaço-temporais. Aqui fizemos a relação com a literatura de Kafka por ter sido utilizada como matéria de experimentação para ler-escrever na Oficina *Conatus*.

Enxergamos, neste momento, uma condição, o ler-escrever, para que algo novo seja produzido, devastando os discursos que dizem como ser ou se comportar no exercício pedagógico, no trato com os sujeitos aprendizes, bem como no modo como enxergam sua imagem perante o exercício da profissão. Como outra condição, a animalidade pelo viés de literatura e da filosofia, possibilitando percorrer a fabulação e o pensamento para constituir-se, subjetivamente, encontrando referências próprias para conduzir sua prática pedagógica.

Ao buscarmos relação teórica com a ideia conceitual de animalidade, nos encontramos com Maria Ester Maciel (2016) e Gabriel Giorgi (2016), ao tratarem da temática na perspectiva literária. Os autores acreditam, respectivamente, que esse encontro/interação com o animal pela leitura/escritura não constitui um movimento de imitação ou transformação física do humano em outro ser não humano, mas um trespassamento íntimo de fronteiras, que

se encontra com uma outridade animal. A literatura e a poética permitem esse encontro, pois é da ordem dos sentidos, das sensações e menos de racionalizações; O animal é o ser que muda de lugar na cultura e, ao modificar, modifica, também, as relações e ordenamentos de corpos e pensamento. É por uma animalidade que as formas políticas de ver o mundo são desencadeadas e contestadas, enfraquecendo ideias de naturalizações em torno do humano e, podemos acrescentar, em torno da docência.

O ato de ler-escrever é vislumbrado como potência que pode ser multiplicada num movimento de afirmação aos devires que proliferam-se. Como um devir-vaca possível que salta dos estados de sensações oriundas de um espaço/tempo em que a própria docência era considerada como sagrada e outro espaço/tempo em que é vista como depósito de agressividades e identidades depreciativas. Considera-se que o ato de ler-escrever, proporcionado pelo Projeto Escrileituras, e, também, a experimentação de construção de novelas, na Oficina *Conatus*, acionou um estado nestes docentes, que buscaram criar algo que dissesse de um cotidiano que, por vezes, os adoece.

Diante desta novela, algo nos põe em um lugar de desassossego. Esse arquivo nos afeta de alguma forma. Dessa vaca que 'salta aos olhos', que deprecia e, ao mesmo tempo, causa riso. O som ao fundo desse animal que muge, executado por professoras, a fala cheia de preconceitos ao citar os indígenas como tupiniquins, o pai do menino que é traficante, a própria homossexualidade definida como um 'ser veado' e, aí, mais um animal desponta na novela. Uma estranheza é causada da mesma forma quando lemos *A metamorfose* de Kafka (1997), de um homem que ao se levantar para ir ao trabalho pela manhã se encontra metamorfoseado em um inseto. O que pode essa docência que nos constitui?

Considerações finais: encontrando saídas

Estabelecemos um movimento de desconfiança desse humanismo renascentista que põe o homem no centro de importância entre os seres. Segundo Heidegger (2005), o termo humanismo visa fortalecer a ideia de homem enquanto ser que é, animal racional. Cultua a liberdade, a personalidade, o exercício da razão. Trata-se de uma corrente que medita e cuida para que nos tornemos humanos e não desumanos, isto é, situado fora de nossa essência, de modo que sejamos conhecidos e reconhecidos como um ser social e natural. Se distingue por diferentes perspectivas, como por exemplo, o humanismo de Marx, de Sartre e, até mesmo, do Cristianismo que buscaram expandir suas metas e fundamentos, mas coincidindo no que diz

respeito à "interpretação fixa da natureza, da história, do mundo e do fundamento do mundo" (HEIDEGGER, 2005, p. 20).

Temos o desafio de articular uma abordagem que abarque discussões contemporâneas em torno da docência e do próprio humanismo. Buscamos destacar as variadas formas de existir e de relacionar-se a partir da filosofia, da literatura e, até mesmo, da ciência. Ao percorrer, inicialmente, os registros de algumas Oficinas desenvolvidas pelo Projeto Escrileituras, percebemos a recorrência no aparecimento de animais, na escrita e leitura dos participantes ao experimentarem a literatura de Kafka. Esta recorrência está relacionada a esta literatura capaz de transbordar o humano e se constituir, também, numa animalidade que lhe é imposta, na circunstância do ensinar-aprender.

Isso nos faz pensar na possibilidade de variar uma docência desde os modos instituídos de como ser professor consagrados nos currículos dos cursos de formação, de forma que essas imagens não se esgotem como única possibilidade de ser. Com isso buscamos uma saída: pensar a docência pela diferença, considerando os processos subjetivos do professor que se constitui em meio e movido por uma vida que possibilita desencadear devires. Uma diferença que não se encaixa na oposição ou na tolerância, mas que provoca microvazamentos em determinada estrutura. Essa diferença aciona estados outros, permitindo transitar em territórios de intensidades, conjugados a um plano extensivo, das superfícies que compõem o caminho histórico mundial percorrido por elas e eles, docentes.

É na aposta dessa experiência que a pesquisa se desenvolve, ao pensar a docência na construção de um estilo pedagógico que faz variar não somente línguas, mas modos de ser e de fazer. Assim, efetuamos uma aposta que vê, no ato de ler-escrever docente, um movimento de rupturas de fronteiras entre humanidade e animalidade. De que maneira, por qual lógica, por qual adjetivo responde-se à pergunta comumente feita em espaços de formação pedagógica: 'O que é ser um bom professor?' É pertinente pensar sobre a questão e sobre o modo como se constitui os discursos sobre a docência nos cursos de formação como o de Pedagogia. Por um lado, é possível estabelecer respostas para estas questões a partir de uma relação de representação e significação da docência que adoece em meio a um cotidiano[5]. Por outro lado, viemos adentrando a perspectiva de estudo das filosofias da diferença, o que nos auxiliará a mover algumas das questões colocadas.

[5] Referente à temática do adoecimento docente, temos um artigo publicado na Revista Digital do Lav de Santa Maria/RS intitulado *Ditos e não escritos sobre o mal-estar docente: a potência do ler e do escrever em ateliês de escrileituras* (2016).

Sentimos força na composição das caóides de Deleuze-Guattari (2010), arte, filosofia e ciência, na produção de um pensamento e, concomitantemente, de uma ação. São campos de saberes que traçam planos no caos de onde algo é possível de ser criado em cada um deles (arte cria *afectos* e *perceptos*, filosofia cria conceitos e a ciência cria *functivos*). Não apostamos em uma única área, como, por exemplo, identificar a Pedagogia somente num campo científico fechado em suas funções definidas; pelo contrário, acreditamos na potência da composição, seus dinamismos e finalidades, tornando-se indiscerníveis umas das outras.

O estudo do estilo em meio a ideia de docência animal não vem para desvelar algo que está escondido, não quer criticar o que está posto e em funcionamento. Pretendemos afirmar o que é possível produzir diante de experimentações com a literatura kafkiana, com a filosofia da diferença e com as ciências educativas na pesquisa e na formação docente. Pensar uma docência animal é deixar-se aproximar de um mundo que não é somente humano, acionado por um estado de sensação que torna possível olhar para o próprio processo de transformação, um tornar-se outro.

Problematizar uma docência animal é perceber a docência na dor e na alegria que ela produz, demarcando as fronteiras, criando travessias entre elas, enfrentando os discursos anunciados e não anunciados que esta profissão carrega. Não desejamos criar outros enunciados em torno da temática, mas enaltecer aquilo que é potencializador e, também, o que despontencializa o professor diante de sua prática, para que este consiga forjar sua própria saída, seja lendo, escrevendo, artistando, filosofando e criando seu estilo em meio aquilo que lhe inquieta.

Referências

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da Educação.** São Paulo: Moderna, 1996.

CASTELLO, Luís A.; MÁRSICO, Cláudia T. *Oculto nas palavras*: dicionário etimológico para ensinar e aprender. Tradução de Ingrid Müller Xavier. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

CORAZZA, Sandra Mara. **Projeto de pesquisa**: Escrileituras: um modo de "ler-escrever" em meio à vida. Plano de trabalho. OBS da Educação. Edital 038/2010. CAPES/ INEP. Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRGS, setembro de 2011.

_____. **O que se transcria em Educação?** Porto Alegre: UFRGS; Doisa, 2013.

CORTÁZAR, Júlio. **Discurso do urso**. Tradução de Leo Cunha. Rio de Janeiro: Editora Record, 2009.

DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição.** Tradução de Luiz Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

_____. **Crítica e clínica.** Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1997.

_____. **Sobre o teatro**: Um manifesto de menos; O esgotado. Tradução de Fátima Saadi, Otívio de Abreu e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. v. 1. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. São Paulo: Ed. 34, 1995.

_____. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. v. 2. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão). São Paulo: Ed. 34, 1995.

_____. **O que é a filosofia?** Tradução de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. São Paulo: Editora 34, 2010.

_____. **Kafka**: por uma literatura menor. Tradução de Cíntia Vieira da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **O abecedário de Gilles Deleuze**. Transcrição integral do vídeo, para fins exclusivamente didáticos [pdf]. Retirado de http://escolanomade.org/wp-content/downloads/deleuze-o-abecedario.pdf. 1995.

_____. **Diálogos**. Tradução de Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Editora Escuta, 1998.

DERRIDA, Jacques. **Mal de arquivo**: uma impressão freudiana. Tradução de Claudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber.** Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

HEIDEGGER, Martin. **Carta sobre o humanismo**. Tradução de Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro, 2005.

JEUNET. Jean-Pierre. **O fabuloso destino de Amélie Poulain** [Filme]. C. Ossard, J. Deschamps, Prod., J. Jeunet, Dir. França. 1 DVD, 120 min. color. son. 2001.

KAFKA, Franz. **A metamorfose**. Tradução de Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falava Zaratustra**. Tradução de C. Mioranza. São Paulo: Escala Educacional, 2006.

_____. **Humano, demasiado humano**: um livro para espíritos livres. Tradução de César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

PERRY, Pinchas. **Quando Nietzsche chorou**. [Filme]. P. Perry, Prod., Dir. Estados Unidos. 1 DVD, 105 min. color. son. 2007.

PIMENTA, Selma Garrido (Coord.). **Pedagogia**: ciência da educação? São Paulo: Cortez, 2011.

SPINOZA, Baruch. **Ética**. Tradução de Tomaz Tadeu). Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2007.

TADEU, Tomaz; CORAZZA, Sandra, ZORDAN, Paola. **Linhas de escrita**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.